



Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Universidade Federal de Ouro Preto
ISSN: 2596-0229

**QANONS, ANTIVACINAS E INFLUENCIADORES
DE BEM-ESTAR:
uma perspectiva semiótico-discursiva sobre os vínculos entre teorias da
conspiração, espiritualidade e wellness**

*QANONS, ANTI-VAXXERS, AND WELLNESS INFLUENCERS:
a discursive cultural semiotic perspective on the links between conspiracy theories,
spirituality, and wellness*

Paolo Demuru

 <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530>

 doi.org/10.70446/ephemera.v8i15.8034

**QAnons, antivacinas e influenciadores de bem-estar:
uma perspectiva semiótico-discursiva sobre os vínculos entre teorias da conspiração,
espiritualidade e *wellness***

Resumo: Estudiosos de diversas áreas destacaram o vínculo entre teorias da conspiração, o discurso espiritual da *new age* e o bem-estar. Este artigo contribui para este campo de estudo ao analisar criticamente os mecanismos semióticos subjacentes que governam a sobreposição entre as teorias da conspiração relacionadas ao QAnon, antivacina e Covid-19, a espiritualidade da Nova Era e o bem-estar. De uma perspectiva lotmaniana, faço uma análise semiótica crítica dos vínculos entre esses três domínios discursivos durante a pandemia de Covid-19, concentrando-me especialmente na página do *Facebook* da influenciadora de saúde alternativa Christiane Northrup. Para fazer isso, baseio-me no conceito de tradução de Lotman, bem como em seu desenvolvimento no campo da semiótica cultural. Combinando a teoria da tradução de Lotman com a semiótica discursiva de Greimas, afirmo que o vínculo entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar é baseado nas traduções de cinco elementos culturais semióticos: (i) tramas narrativas básicas; (ii) temas e papéis temáticos; (iii) figuras; (iv) características plásticas; e (v) paixões coletivas. Com base nesta análise, também busco detalhar como funciona a tradução de Lotman, observando quais características semióticas são exatamente traduzidas quando dois ou mais semiosferas entram em contato, bem como em que lógicas essa tradução se baseia.

Palavras-chave: conspíritualidade; tradução; discurso; semiótica.

**QAnons, anti-vaxxers, and wellness influencers:
a discursive cultural semiotic perspective on the links between conspiracy theories, spirituality,
and wellness**

Abstract: Scholars have highlighted the bond between conspiracy theories, new age spirituality, and wellness. This paper contributes to this scholarship by critically analysing the underlying semiotic mechanisms that govern the overlap between QAnon, antivax, and Covid-19 related conspiracy theories, new age spirituality and wellness. From a Lotmanian perspective, I draw a critical semiotic analysis of the links between these three discursive realms during the Covid-19 pandemic, especially focusing on alternative health influencer Christiane Northrup's Facebook page. To do this, I rely on Lotman's concept of translation, as well as its development in the field of cultural semiotics. Combining Lotman's theory of translation with Greimas' discursive semiotics, I claim that the bond between conspiracy theories, spirituality, and wellness is based upon the translations of five semiotic cultural elements: (i) basic narratives plots; (ii) themes and thematic roles; (iii) figures; (iv) plastic features; and (v) collective passions. Drawing on this analysis, I also seek to detail how Lotman's translation works, looking at which semiotic features are exactly translated when two or more semiosphere come into contact, as well as what logics this translation is based on.

Keywords: conspíritualidade; translation; discourse; semiotics.



1 Introdução¹

O que teorias da conspiração como QAnon têm a ver com a *yoga* e a meditação, os cristais e as *barras de access*, os coquetéis de ervas (supostamente) medicinais e outras práticas contemporâneas de autocuidado? Por que os influenciadores do campo da *wellness* (bem-estar), que promovem curas alternativas àquelas da medicina e da saúde ocidental, foram (e continuam sendo) responsáveis pela geração dos maiores índices de difusão de *fake news* sobre as vacinas, a Covid-19 e outras doenças (Brennen *et al.*, 2020)?

Neste artigo, busco responder a estas perguntas a partir de um estudo de caso específico: aquele da ex-ginecologista estadunidense, autora *best-seller* e influenciadora de bem-estar Christiane Northrup. Desde 2020, junto à explosão da pandemia de Covid-19, Northrup incorporou, em seu discurso sobre espiritualidade e cuidados pessoais, traços de narrativas conspiratórias como QAnon e outras peças desinformativas sobre política, saúde e vacinas, cujos vínculos e tramas pretendo, aqui, evidenciar e reconstruir. A abordagem teórico-metodológica que norteia a pesquisa funda-se em um diálogo entre a semiótica da cultura de Jurij Lotman e a semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas.

O fluxo argumentativo do texto é o seguinte: antes de tudo, apresentarei o objeto de estudo, mostrando as correspondências entre o discurso de Northrup, o discurso conspiratório e as narrativas contemporâneas sobre espiritualidade e autocuidado. Em seguida, deter-me-ei no conceito de “tradução”, assim como desenvolvido por Lotman (1970, 1977, 1985, 1990, 1993; Lotman; Uspenskij, 1975, 1978) e outros autores do campo da semiótica da cultura (Lorusso, 2015; Sedda, 2012, 2018). Combinando a teoria da tradução lotmaniana com a semiótica de Greimas, procurarei observar, sucessivamente, quais elementos do discurso de QAnon e outras teorias de conspiração migraram para o discurso espiritual e do bem-estar (e vice-versa). Com isso, almejo mostrar como a espiritualidade e o bem-estar foram usados para amenizar e disseminar posições extremistas nas mídias sociais, dando vida a um discurso complexo cuja análise crítica é cada vez mais urgente.

Estudiosos de diversas áreas disciplinares destacaram os elos entre as teorias da conspiração e os discursos sobre a espiritualidade, cunhando, com a intenção de enquadrar melhor o fenômeno, o termo “conspiritualidade” (Ward; Voas, 2011; Aspren; Dyrendal, 2015; Remski, 2021). Outros autores demonstraram como os influenciadores de bem-estar e curas alternativas desempenharam um papel central no fortalecimento desta conexão, especialmente durante a pandemia de Covid-19 (Baker, 2022). Este artigo visa a contribuir ao debate acadêmico sobre esses assuntos desvendando os mecanismos semióticos subjacentes à sobreposição entre essas esferas discursivas.

1 O presente artigo é uma versão traduzida e revisitada, pela mão do autor, do original: DEMURU, Paolo. QAnons, anti-vaxxers and alternative health influencers: a cultural semiotic perspective on the links between conspiracy theories, spirituality and wellness during the Covid-19 pandemic. *Social Semiotics*, v. 32, n. 5, p. 588-605, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10350330.2022.2157170>. Acesso em: 09 jun. 2025.



No entanto, o estudo em questão possui também escopos teóricos. Através da análise das conexões entre as narrativas do bem-estar e da “conspiritualidade”, pretendo mostrar como funcionam, em suas camadas de articulação mais profundas, os processos de tradução entre campos culturais e discursivos diversos. Embora seja um conceito central para a sua teoria, a “tradução” foi abordada por Lotman em um nível, por assim dizer, “macro”. Mais do que qualquer outro aspecto, ele evidenciou as regras gerais das dinâmicas de tradução semiótica, concentrando-se principalmente no contato entre línguas e nos modos por meio dos quais um texto de uma dada cultura é incorporado em outros universos culturais. Contudo, o semioticista russo não especificou quais elementos do texto entram em jogo nessas migrações. Ciente desta lacuna, este estudo pretende explicitar o funcionamento da tradução semiótico-discursiva em um nível “micro”, observando “o que” de fato é traduzido quando duas ou mais semiosferas entram em contato, bem como as lógicas nas quais a tradução se baseia.

2 *New age*, QAnon e influenciadores de bem-estar

Em 2011, Charlotte Ward e David Voas publicam um artigo intitulado “The emergence of conspirituality” no *Journal of Contemporary Religion*. Com o termo *conspirituality*, os autores identificam uma,

filosofia político-espiritual baseada em duas convicções centrais [...]: (1) um grupo secreto controla, ou está tentando controlar, secretamente, a ordem política e social mundial; (2) a humanidade está passando por uma “mudança de paradigma” de consciência [...], então a solução para (1) consiste em agir de acordo com uma nova visão de mundo “acordada” (2) (Ward; Voas, 2011, p. 103-104).

Desde a publicação de Ward e Voas, o vínculo entre as teorias de conspiração e as crenças espirituais da *New Age* tem se fortalecido cada vez mais. Um dos exemplos mais emblemáticos desta conexão é QAnon. Surgida nos EUA em 2017, QAnon é uma teoria conspiratória de extrema direita segundo a qual um grupo de satanistas pedófilos – do qual fariam parte, entre outros, Barack Obama, George Soros, Hillary Clinton, Bill Gates, Celine Dion – estaria conjurando contra o estado norte-americano.

As origens de QAnon remontam aos primeiros posts de “Q” na plataforma 4chan, em outubro de 2017. “Q” era um usuário anônimo que alegava ocupar uma posição de prestígio nos bastidores do governo Trump, motivo pelo qual teria acesso a informações secretas. Segundo “Q”, Trump teria sido eleito para dar início à “tempestade” (*the storm*) que eliminaria, de uma vez por todas, o “estado profundo” (*deep state*) que governava secretamente os EUA e o mundo inteiro. A partir daí, QAnon cresceu rápida e desmesuradamente, tornando-se uma verdadeira “teoria de tudo”, com múltiplas referências intertextuais e interdiscursivas, que vão desde a cultura *pop* até a política e a religião².

2 Cf. Rothschild, 2021; Wu Ming, 2021.



Como diversos estudiosos e jornalistas observaram, QAnon mistura motivos clássicos do discurso conspiratório (Butter; Knight, 2020), como a dominação do mundo por parte de grupos de poder ocultos, o anticomunismo e o antisemitismo, com elementos do evangelicalismo e da filosofia *New Age* (Argentino, 2021; La France, 2020; Metzger, 2021). Preciso que, na esteira de Hanegraff (1996), uso aqui a expressão *New Age* tanto no sentido estrito, que enfatiza sua dimensão milenarista – ou seja, a fé em uma Nova Era de despertar que está por vir (também crucial no evangelicalismo), quanto no sentido *lato*, que contempla práticas como a *yoga* e a meditação, as curas alternativas e as crenças em energias e realidades não materiais (Asprem; Dyrendal, 2015). Ambos os aspectos são cruciais no QAnon.

Consideremos, por exemplo, a autodescrição publicada por Jacob Chansley – o “Xamá do QAnon” que, ao lado de outros adeptos da teoria, invadiu o Capitólio de Washington em 6 de janeiro de 2021 – em seu antigo perfil de Facebook:

Jake Angeli é um Xamá Autoiniciado, Curador Energético, Ministro Ordenado, Palestrante Público e Autor Publicado. Ele é nativo do Vale do Sol e trabalha na área de saúde comportamental há mais de 6 anos, trilhando o caminho xamânico há mais de uma década [...]. Ele é um guerreiro metafísico, um curador compassivo e um servo do Deus Criador Divino (Evans, 2021).

Esta declaração revela como as raízes de QAnon estão fincadas em uma sobreposição entre os discursos do cristianismo e da *New Age*. Além disso, o pequeno texto mostra a presença, no discurso de QAnon, do tema da guerra santa e/ou espiritual (usado por muitos movimentos evangélicos e neocarismáticos norte-americanos), referindo-se explicitamente à luta entre as “forças do mal” e o “exército de Deus” (Argentino, 2021).

Desde 2020, com o surgimento da pandemia de Covid-19, os “QAnons”, como são chamados os seguidores de QAnon, começaram a promover teorias de conspiração sobre o novo coronavírus. Segundo eles, a pandemia fazia parte de um plano secreto das elites para controlar o mundo e as vacinas injetariam *microchips* através dos quais as pessoas poderiam ser rastreadas.

A inclusão desses tópicos na já ampla gama de motivos conspiracionistas utilizados por QAnon tem favorecido sua infiltração no campo discursivo do bem-estar. Influenciadores de saúde e curas alternativas, *personal trainers* e *coachs* supostamente preocupados com o bem-estar de seu seguidores abraçaram as narrativas conspiratórias de QAnon. Entre eles, a Dra. Christiane Northrup, que contribuiu ativa e fortemente para espalhar o vídeo Plandemic (sobre a suposta criação do novo coronavírus em um laboratório chinês) e o filme Out of Shadows (baseado nas narrativas de QAnon), aconselhando seus seguidores a assisti-los.

Formada em medicina pela Geisel School of Medicine da Universidade de Dartmouth, Northrup foi obstetra, ginecologista e cofundadora da clínica Women to Women (Mulher para Mulher) no Estado de Maine (EUA), onde lecionou medicina alternativa e promoveu tratamentos baseados em “pensamentos positivos” e alimentos macrobióticos. A tese de sua abordagem médica era (e ainda é) que as mulheres têm uma sabedoria inata sobre sua saúde, a qual, no entanto,



foi colocada em segundo plano pela medicina ocidental. Em 1994, Northrup publicou um livro intitulado “Corpo de Mulher, Sabedoria de Mulher”, que se tornou um best-seller do The New York Times e a levou ao programa televisivo de Oprah Winfrey: o The Oprah Winfrey Show.

Em uma matéria publicada no The Washington Post, Sam Kastenbaum (2022) detalhou a vida e a carreira de Northrup, incluindo sua conversão à teoria QAnon. Kastenbaum descreve assim a rotina diária de Northrup no Facebook durante a pandemia de Covid-19:

Ela costumava sentar-se em uma mesa ensolarada na costa do Maine. Ligava a câmera e discorria sobre temas espirituais, como alinhamento de chacras e campos energéticos [...]. Em seguida, Northrup abordava um tema mais sombrio: Covid-19. Afirmava que o vírus fazia parte de um plano envolvendo lavagem cerebral do Estado Profundo e esquemas traiçoeiros de despovoamento. Incentivava os seus fãs a conferirem QAnon, chamava o Center for disease control (Centro de Controle de Doenças) de “culto à morte por Covid” e descrevia as vacinas como crimes contra a humanidade. “Estamos, de fato, em guerra”, ela disse em um recente despacho. “É o bem contra o mal. As trevas contra a luz” (Kastenbaum, 2022).

O discurso de Northrup é um exemplo emblemático de como as teorias de conspiração, a filosofia espiritual *New Age* e o a narrativa do bem-estar misturaram-se nas redes sociais após o surgimento do novo coronavírus. Em um movimento semiótico circular e abrangente, o discurso do bem-estar incorporou aquele da conspirtualidade e, vice-versa, o discurso da conspirtualidade incorporou aquele do bem-estar (Baker, 2022).

Como vimos, Jacob Chansley é uma prova viva dessa mistura. Quando foi preso pela invasão ao Capitólio, a primeira coisa que ele fez foi solicitar alimentos orgânicos para “não adoecer”. Segundo seu advogado, “[A] comida não-orgânica, que contém produtos químicos artificiais, seria uma ‘intrusão de objetos não identificados’ em seu corpo e poderia lhe causar, caso ele a ingerisse, causaria, doenças graves. Nas tradições xamânicas, o corpo, a mente e a alma estão interconectados, e o bem-estar dos três é necessário para que meu cliente possa praticar sua fé” (Leonard, 2021).

Para os fins deste estudo, também é relevante destacar o papel das emoções coletivas na ligação entre as teorias da conspiração, a espiritualidade e as práticas de bem-estar. Abordando a dimensão mágica da conspirtualidade, Parmigiani (2021) demonstrou que ela deve ser abordada não apenas como um fenômeno cognitivo, mas também como uma experiência sensorial e afetiva, por meio da qual as pessoas constroem um vínculo de pertencimento à comunidade³.

Ainda sobre a relação entre QAnon e o discurso do bem-estar, Argentino (2021) observou que a intrusão da primeira no segundo fez com que QAnon se tornasse, por assim dizer, mais “leve” e “palatável”. Geralmente caracterizado por emoções negativas como ódio e raiva (Douglas; Sutton, 2020), o conteúdo do QAnon foi sendo gradualmente mitigado graças aos vínculos com a *New Age* e as curas alternativas, criando “um duto de radicalização diferente que precisa ser levado em consideração pelos grupos que atuam contra o terrorismo e a radicalização” (Argentino, 2021).

3 Cf. Landowski, 2005. Madisson; Venstel, 2020.



Abordarei estas questões na seção de análise deste artigo, focando, em particular, no caso de Northrup, sem, no entanto, identificar elos pontuais com o discurso de outros influenciadores do bem-estar. Meu objetivo é mostrar como uma abordagem semiótica-discursiva-cultural pode contribuir para este campo de estudo, desvendando os mecanismos subjacentes à tradução entre as teorias da conspiração, a filosofia *New Age* e o discurso do bem-estar. Antes de chegarmos lá, é necessário, porém, analisar mais profundamente a teoria da tradução de Lotman.

3 A tradução cultural-discursiva: considerações a partir de Lotman

O conceito de tradução de Lotman é complexo e heterogêneo, pois o semioticista utiliza este termo para se referir a processos semióticos diferentes. Para jogar luz sobre a noção e projetar uma possível sistematização, proponho, a seguir, uma classificação das tipologias de tradução trabalhadas por Lotman em sua obra.

Em primeiro lugar, na esteira de Jakobson (1959), a tradução lotmaniana refere-se a traduções intralinguísticas, interlinguísticas e intersemióticas (Lotman, 1970, 1990). Em segundo lugar, o conceito denota a tradução da realidade para uma das línguas da cultura ou em textos específicos, a qual contribui para a inserção de informações na memória coletiva (Lotman, 1990, p. 127; Lotman; Uspenkij, 1975, p. 31).

Em terceiro lugar, a tradução lotmaniana diz respeito ao que poderia ser chamado de “tradução intracultural”, ou seja, à maneira como elementos de uma determinada cultura migram através das diferentes semiosferas que a compõem, o que está relacionado aos processos de autodescrição, isto é, de construção dos modelos e dos metamodelos graças aos quais uma cultura se reconhece em si mesma, produzindo, em alguns casos, estereótipos (Lotman; Uspenkij, 1975, p. 31; Lotman, 1977, 1985). Como exemplo, podemos mencionar o caso do estilo brasileiro de jogar futebol, cujos traços distintivos, como a capacidade de improvisar e se ajustar aos movimentos do oponente, foram transpostos, durante o século XX, para outros discursos sociais e culturais – a dança, a música, a arquitetura, a literatura, a política – para construir e explicar o caráter nacional brasileiro (Demuru, 2014).

Em quarto lugar, a tradução diz respeito aos processos de “tradução intercultural”, ou seja, ao modo como elementos de um dado universo cultural são incorporados e adaptados em outros universos culturais (Lotman, 1985, 1990). Pense-se, a este propósito, na tradução do Evangelho para a língua e cultura do povo Kanak, analisada semioticamente por Sedda (2012). Na esteira do estudo seminal de James Clifford (2001), Sedda mostra como o povo Kanak interpretou a Trindade cristã como uma entidade dual com traços tanto masculinos quanto femininos por causa de uma “tradução imperfeita” do termo “Deus”. Tal interpretação foi construída de acordo com o sistema religioso local Kanak, que se baseava em um sistema totêmico dual, e especificamente nas figuras divinas de Bao e Kanya. No caso da tradução intercultural, as fronteiras desempenham um



papel crucial na adaptação daquilo que vem de fora, atuando como uma “membrana de filtragem que transforma os textos estrangeiros que se tornam parte da semiótica interna da semiosfera [de chegada], retendo, contudo, algumas de suas características” (Lotman, 1990, p. 136-7).

Todos esses tipos de tradução buscam estabelecer equivalências semióticas entre as semiosferas envolvidas no processo, sejam elas línguas naturais, discursos ou culturas nacionais. As traduções lotmanianas, especialmente a tradução intracultural e intercultural, dizem todas respeito à necessidade de encontrar correspondências e compatibilidades entre diferentes sistemas semióticos.

Para Lotman, a tradução pode ser simétrica ou assimétrica. No primeiro caso, lidamos com o estabelecimento de correspondências precisas entre componentes de duas ou mais semiosferas. No segundo caso, em vez de uma identidade precisa, constrói-se uma equivalência convencional entre os elementos em jogo no processo de tradução, o que muda profundamente sua natureza semiótica. Como argumenta Lotman, esta é a única maneira de gerar novas informações culturais: “a relação assimétrica e a necessidade constante de escolha, fazem com que a tradução seja, neste caso, um ato de geração de novas informações e exemplifique a função criativa tanto da língua quanto do texto” (Lotman, 1990, p. 15). Isso é ainda mais forte e fortemente perceptível nos processos de tradução que Lotman reúne sob a expressão “tradução do intraduzível”. A “tradução do intraduzível” concerne ao estabelecimento de vínculos entre elementos que, em uma determinada fase histórica e/ou em um determinado contexto sociocultural, são vistos como incompatíveis. Segundo Gherlone, este ato de ressignificação de sentidos historicamente predeterminados não caracteriza “o mero vazamento de novas informações, mas, sim, a suspensão de todas as coordenadas [...] dentro das quais o significado e a emergência de algo radicalmente novo tomam forma como resultado de uma unidade não-sintática de assimetrias” (Gherlone, 2014, p. 81, tradução minha). Dessa forma, como resume Lotman, “a tradução do intraduzível pode se tornar um catalizador de informações do mais alto valor” (Lotman, 2009, p. 6).

Toda tradução produz zonas de intraduzibilidade. O estabelecimento de equivalências e correspondências enfatiza certos aspectos das semiosferas que entraram em contato, enquanto, ao mesmo tempo, oculta outros. No entanto, esse resíduo de elementos “não traduzidos” pode dar origem, futuramente, a outras traduções imprevisíveis (Lotman, 2009).

Dito isso, deve-se observar que Lotman aborda a tradução, especialmente as traduções intraculturais e interculturais, a partir de uma perspectiva macro, focando em unidades macrosemióticas como textos, discursos e línguas. O que foi mencionado acima explica o funcionamento geral da tradução, mas diz pouco sobre os seus detalhes. Algumas perguntas permanecem sem resposta. Quais elementos são exatamente traduzidos quando um texto, um discurso, uma língua de uma determinada semiosfera é traduzido para outra? E qual é a lógica por trás deste processo?

Abordando a globalização durante os séculos XX e XXI, Lorusso fez perguntas parecidas com as que tracei acima. Ao questionar-se, a título de exemplo, sobre os sujeitos ocidentais que praticam *yoga*, a semioticista italiana pergunta:



como um elemento chave da espiritualidade oriental tornou-se compatível e vinculou-se (criando um sistema) com o individualismo narcisista ocidental [...]. Existem códigos implícitos com os quais se pode interpretar a utilidade de realizar um exercício místico enquanto se toma sol? Não existem, evidentemente, regras explícitas, mas sim sistemas de compatibilidade e co-ocorrência facilitados por uma série de traços compartilhados (semânticos, rítmicos, enunciativos) e ainda reforçados por formas discursivas bem definidas (Lorusso, 2015, p. 186).

A resposta de Lorusso aponta para uma possível área de pesquisa. Quando ela fala sobre os traços compartilhados (semânticos, rítmicos, enunciativos) que facilitam a compatibilidade entre diferentes sistemas semióticos, entrevê-se a possibilidade de especificar a dinâmica da tradução cultural tanto teórica quanto metodologicamente, considerando o papel desempenhado por unidades semióticas menores do que textos, discursos e línguas.

Entretanto, além das unidades em si, é importante esclarecer os mecanismos semióticos de fundo nos quais a tradução cultural se baseia. A este propósito, Sedda (2018, p. 25) identifica dois “modos” complementares de tradução: “o encadeamento” e “a correlação”. O encadeamento refere-se à tradução entre e através de signos, entendidos em termos peirceanos, que gera formas específicas de entrelaçamento semiótico. A correlação diz respeito à tradução entre formas semióticas, sejam elas sistemas de signos, códigos, línguas, discursos. Os dois processos estão estritamente relacionados e dependem um do outro. Para explicar a sua operação conjunta, Sedda parte da análise de Hjelmselev sobre o significado da associação entre os termos “democracia” e “liberdade” nos EUA e na União Soviética (URSS) ao longo da Guerra Fria. Como Sedda argumenta, o encadeamento entre “democracia” e “liberdade” dá origem a associações completamente diferentes em inglês e russo, uma vez que os termos se correlacionam com duas diversas visões de mundo, compostas por histórias, ideologias, práticas e emoções coletivas diferentes. Foi por causa dessas diferenças semiótico-culturais que os dois impérios políticos acusaram um ao outro de não serem democráticos e não promoverem liberdade, atribuindo significados diferentes à cadeia linguística “democracia-liberdade”. Algo parecido acontece, continua Sedda, quando você pede um café expresso em Roma ou no Rio de Janeiro. A palavra café se refere a coisas diferentes nas duas cidades: um café mais curto na Itália, um café mais longo no Brasil, xícaras de tamanhos diferentes, quantidade diferente de açúcar, e assim por diante. O significado - e a realidade concreta - daquele expresso depende desse encadeamento entre signos e da forma como são formados pelo cenário discursivo das duas culturas.

Na análise seguinte, abordarei estas questões com relação ao meu objeto de estudo. Mais especificamente, examinarei quais características semióticas são mobilizadas na tradução entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar, bem como como elas se intersectam entre si, criando um vínculo muito peculiar entre as três semiosferas. Para fazer isso, combinarei a teoria de tradução de Lotman com a semiótica discursiva de Greimas. Enquanto o primeiro nos ensina a ampliar nosso olhar e relacionar diferentes esferas do sistema cultural, o último fornece ferramentas metodológicas para descrever em profundidade o funcionamento interno de um único texto ou discurso. Isso torna possível identificar, em um nível mais “micro”, quais unidades semiótico-culturais são mobilizadas no processo de tradução.



4 Corpus

O corpus selecionado para este estudo inclui: textos, vídeos e imagens postadas por Christiane Northrup em sua página do Facebook entre março de 2020 e maio de 2022; postagens do Qanon extraídas de um arquivo⁴ que reúne todas as postagens de Q nos sites de quadros de imagens 4chan, 8chan e 8kun; *slogans* do QAnon e postagens em redes sociais de outros influenciadores de bem-estar e perfis já discutidos por Argentino (2021) e Baker (2022). Na análise a seguir, examino em profundidade, a partir de um viés qualitativo, alguns exemplos significativos deste conjunto de dados para mostrar como uma abordagem semiótica pode contribuir a revelar como as teorias da conspiração, a filosofia *New Age* e o discurso do bem-estar traduzem-se entre si.

5 A tradução semiótica entre os discursos conspiratório, espiritual e do bem-estar

A análise a seguir mostra como o vínculo entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar baseia-se na tradução de cinco características semióticas culturais: (i) estruturas narrativas de base; (ii) temas e papéis temáticos; (iii) figuras; (iv) traços plásticas; (v) paixões coletivas. Tais elementos migram entre as três semiosferas, alterando profundamente sua identidade e estrutura semiótica.

6 Tramas narrativas

A primeira tradução entre o discurso conspiratório e os discursos sobre a espiritualidade *New Age* e o bem-estar psicofísico gira em torno de algumas precisas estruturas narrativas de base. O principal enredo que caracteriza o discurso conspiratório diz respeito à oposição entre um grupo secreto que controla o destino do mundo e as pessoas comuns sobre as quais ele exerce seu domínio (Butter, 2020). Paralelamente, o discurso *New Age* afirma que a humanidade está passando por uma mudança crucial de consciência e as pessoas alcançarão, em breve, uma nova dimensão espiritual, construindo um mundo pacífico no qual os indivíduos serão finalmente livres. Como mostram os estudos sobre “conspiritualidade”, o problema da opressão das elites sobre as pessoas pode ser resolvido agindo de acordo com esta visão de mundo “desperta” (Ward; Voas 2011, p. 104). Ora, quando tais enredos cruzam o discurso do bem-estar do século XXI, algo semioticamente interessante acontece. Vejamos, passo a passo, do que se trata.

Estudos recentes demonstram como o discurso do bem-estar se fundamenta na desconfiança em relação à medicina ocidental e às indústrias farmacêuticas e alimentícias, transformando o

⁴ Extraídas do arquivo: <https://qposts.online>.



autocuidado em um ato de resistência contra os supostos ditames da sociedade e da economia capitalista (Baker; Rojek, 2020). No entanto, até o início da segunda década do século XXI, essa crença não estava associada a temas de natureza estritamente política. Durante a pandemia de Covid-19, essa situação mudou. Gurus do bem-estar e influenciadores de saúde e curas alternativas adotaram teorias da conspiração de extrema direita, como QAnon, além de atitudes antivacina baseadas na crença de que o novo coronavírus teria sido criado em laboratório para controlar os corpos, as mentes e o comportamento das pessoas. Conforme observado por Baker (2022), isso se deve à ênfase conferida pela cultura do bem-estar à experiência subjetiva e à intuição individual, exploradas por conspiracionistas para aumentar sua visibilidade na esfera pública. Assim, verdades pessoais foram elevadas a verdades absolutas, “resultando em narrativas envolventes de autotransformação em detrimento da expertise profissional” (Baker, 2022, p. 4).

Em termos semióticos, estamos aqui diante de uma tradução de uma estrutura narrativa específica, a qual, ao viajar de uma semiosfera para outra, adquire novas formas, contornos e nuances. Ao migrar para a semiosfera do bem-estar, o motivo conspiratório clássico do confronto entre o povo e as elites passa a se relacionar com um novo conjunto de valores, temas, figuras, símbolos e outros elementos semióticos: bem-estar mental, corporal e espiritual, processos de cura, dietas *detox*, *superfood*, cristais, óleos, ervas, vendidos como remédios contra a degeneração física e espiritual das sociedades ocidentais. Um novo “emaranhado semiótico” (Sedda, 2018) emerge, moldado, agora, pela paisagem discursiva do bem-estar. Isso é evidente no perfil de Facebook de Christiane Northrup, onde *posts* conspiratórios sobre a Covid-19, as vacinas e QAnon são misturados com declarações como a seguinte: “a comida é mais do que gordura, carboidratos e proteínas. A comida tem seu próprio campo de energia único que afeta a nossa saúde” (perfil do Facebook de Christiane Northrup, 8 de maio de 2022).

As consequências dessa operação são duplas. Ao entrar em contato com o universo semiótico do bem-estar, a narrativa da opressão das elites deixa de ser apenas uma questão político-econômica para se tornar algo mais abrangente, incorporando o autocuidado e transformando-o em um de seus principais pilares discursivos. Inversamente, o bem-estar adquire uma conotação política, antes oculta. Ele passa a ser visto como algo que não depende apenas das escolhas do indivíduo, mas também do sucesso da luta coletiva contra as elites e aqueles que detêm o poder (o estado profundo, Bill Gates, Anthony Fauci, China, entre outros). Conforme escreveu Christiane Northrup:

Aqui estão os fatos sobre a Covid-19 e sua verdadeira agenda. Enquanto isso, a grande maioria das pessoas parece estar perfeitamente disposta a abdicar de suas vidas e meios de subsistência até que nosso governo ou Bill Gates nos deem uma vacina não testada e perigosa. É hora de todos nós acordarmos e retomarmos o poder!! (perfil do Facebook de Christiane Northrup, 21 de abril de 2020).



7 Temas e papéis temáticos

A tradução entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar também envolve a reconfiguração de “temas” e “papéis temáticos”, conforme definidos por Greimas. Segundo o semioticista lituano, “temas” são campos de valores disseminados ao longo da trajetória narrativa, como amor, beleza, guerra e, no caso em questão, o próprio “bem-estar”, enquanto os “papéis temáticos” referem-se às expectativas em torno de papéis cultural e socialmente sedimentados, como “o guerreiro”, “o médico”, “o professor”, “o espião”, e assim por diante (Greimas; Courtes, 1982, p. 343-344).

No que tange ao nosso objeto de estudo, o “despertar” pode ser considerado o primeiro tema através do qual as semiosferas do conspiracionismo, da espiritualidade e do bem-estar constroem pontes entre si. Motivo central do discurso espiritual da Nova Era, a ideia do “despertar” é central em QAnon. Não por acaso, uma das *hashtags* mais usadas por seus seguidores é “O Grande Despertar” (*the great awakening*), que se refere tanto à conscientização política do povo americano quanto a uma Nova Era de prosperidade que virá após “A Tempestade” (*the storm*) que Trump estaria preparando para eliminar o “estado profundo” (*deep state*). No entanto, não se trata da única correspondência a ser destacada. Essas narrativas lembram outro célebre discurso de matriz espiritual: aquele do evangelicalismo e dos movimentos neocarismáticos norte-americanos. Como já foi apontado, QAnon baseia-se no pré-milenarismo protestante, combinando o pensamento conspiratório com o imaginário do Apocalipse e as crenças positivas sobre um futuro melhor (La France, 2020). Em QAnon, o termo “despertar” é frequentemente usado de forma ambígua exatamente para permitir a transição da esfera do discurso da *New Age* para a esfera do discurso neopentecostal (e vice-versa). Como argumentam Robertson e Amarasingam (2022, p. 8), a expressão “o grande despertar”, “ajuda a obscurecer o fato de que alguns QAnons cristãos veem ‘A Tempestade’ como um evento bíblico, mas outros a veem como uma transformação na consciência nos termos do pensamento da Nova Era”.

Durante a pandemia de Covid-19, o tema do “Despertar” e a *hashtag* “O Grande Despertar” foram usadas por algumas microcelebridades e influenciadores da saúde alternativa em seus perfis de mídia social. Ente elas, desponta, mais uma vez, a figura de Christiane Northrup. Em diversas ocasiões, Northrup postou textos e vídeos reunidos sob a *hashtag* “O Grande Despertar”. De maneira semelhante ao que observamos antes, nessas postagens, narrativas conspiratórias sobre o novo coronavírus são constantemente misturadas com conselhos astrológicos, espirituais e médicos:

- Dia 9: O Grande Despertar. Como apoiar nosso trabalho na Nova Terra. Também como trabalhar com o Amor Divino (Perfil do Facebook de Christiane Northrup, 13 de abril de 2020).
- Dia 13: O Grande Despertar. Assumindo o que te inspira. Falando a sua verdade para a saúde da tireoide (Perfil do Facebook de Christiane Northrup, 17 de abril de 2020).



- O Grande Despertar, 17 de julho de 2020. Fraude em testes, Fauci na capa da InStyle, clima astrológico de Jen Raccioppi, sabedoria de Phil Good (Sr. Dot) (Perfil do Facebook de Christiane Northrup, 17 de julho de 2020).

Nesta trama que une teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar, os papéis temáticos desempenham um papel semelhante àquele exercido pelos temas. Vejamos.

As narrativas conspiratórias baseiam-se na ideia de que o povo é uma “vítima” das elites. Não por acaso, os líderes populistas de extrema direita que propagam teorias da conspiração para alimentar sua popularidade retratam-se, muitas vezes, como vítimas do sistema. A primeira consequência deste posicionamento é a atribuição de outro preciso papel temático: o de “salvador da pátria”, de “messias” enviado por Deus. De acordo com a narrativa do QAnon, por exemplo, Trump seria um verdadeiro “messias” (Hills, 2017). O próprio Trump deu a entender, em várias ocasiões, que ele estaria desempenhando esta função, definindo-se “O Escolhido” e/ou “O Rei de Israel” (Bailey, 2019; Demuru, 2020).

Ora, quando o discurso conspiratório cruza o discurso do bem-estar, tais papéis adquirem outras nuances. Antes limitados à esfera do autocuidado, os influenciadores de bem-estar e saúde alternativa tornam-se guias políticos que indicam ao povo o caminho para se libertar das presas das elites. Pensemos, a este propósito, no tema do “despertar político”, assim como postulado por Northrup, e aos papéis temáticos a ele associados. Desde abril de 2020, quando começa a abraçar a narrativa e o vocabulário do QAnon, Northrup passa a chamar seus seguidores de “guerreiros”. Trata-se de outro papel temático, típico do discurso conspiracionista, que cumpre uma “migração discursiva” para o campo do bem-estar, como podemos observar no exemplo abaixo:

- Olá Guerreiros da Luz Radical. Tive uma sessão com Karen Bauer [...]. Queria compartilhar isso com nossa comunidade. Aliás, Karen me disse que eu sou um General no Exército da Luz, e muitos de vocês também são. De fato, somos guerreiros chamados aqui exatamente para este momento. Mais amanhã!! (Perfil do Facebook de Christiane Northrup, 14 de setembro de 2020).

O mesmo pode ser dito de outros influenciadores de saúde alternativa e bem-estar, como Kelly Brogan, Pete Evans e David Avocado Wolfe, cujos discursos sobre bem-estar e autocuidado tornaram-se, gradualmente, conspiratórios. Ao passo que aconselhavam seus seguidores a cuidarem de si mesmos bebendo sucos *detox*, tais sujeitos começaram a promover teorias da conspiração de extrema direita, incentivando as pessoas a não usarem máscaras ou a não se vacinarem contra a Covid (Baker, 2022, p. 13).

Por outro lado, é preciso ressaltar que o espaço da política tem sido cada vez mais preenchido por líderes ou conselheiros que atuam como “gurus” espirituais e *influencers* de autocuidado, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Steve Bannon, estrategista de Trump e promotor da “Internacional Populista”, que inclui líderes de extrema direita como Viktor Orbán, Marine Le Pen, Jair Bolsonaro e Matteo Salvini, é provavelmente o máximo expoente dessa sobreposição entre política, espiritualidade e bem-estar. Já carregado de misticismo e referências a guias espirituais



fascistas como Julius Evola (Teitelbaum, 2020, p. 66), o discurso de Bannon passou a incorporar, desde 2020, elementos do universo narrativo do bem-estar. Entre outros feitos, vale lembrar o momento em que o ex-diretor executivo do Breitbart News começou a vender *kits* de zinco, D3 e outras vitaminas contra a Covid, agindo, conforme a definição de Mencimer (2021) como um verdadeiro “guerreiro do bem-estar”.

Assim como o enredo narrativo anteriormente analisado, temas e papéis temáticos funcionam como “pontes narrativas” entre os discursos conspiratórios, da espiritualidade e do bem-estar. É graças a eles que as três semiosferas convergem umas sobre as outras. Ora, essa tradução gera um novo discurso no qual todos esses domínios semióticos coexistem, transformando-se e alimentando-se mutuamente.

No que tange a este processo, vale destacar que, em primeiro lugar, as teorias da conspiração assumem, nesta transição, traços típicos do campo discursivo da espiritualidade *New Age* e do bem-estar. Em segundo lugar, nota-se que a espiritualidade e o bem-estar adquirem nuances próprias de teorias conspiratórias mais marcadamente políticas.

Em terceiro lugar, surge um novo espaço semiótico, que incorpora elementos das três semiosferas, mas não corresponde exatamente a nenhuma delas. Nos termos de Lotman, poderíamos dizer que essa interseção não cria um conjunto simétrico de equivalências entre as três semiosferas, mas um novo domínio discursivo, suscetível de engendrar novos significados e informações, de maneira muito semelhante ao que acontece com a tradução de textos artísticos (Lotman, 1990, p. 14-15).

8 Figuras

A conexão entre teorias da conspiração, bem-estar e espiritualidade também se baseia na migração e no reposicionamento de “figuras semióticas”. Na esteira do quadro teórico proposto por Greimas, entende-se por figuras, elementos do mundo que têm um nome e um significado válidos em um determinado universo cultural: a luz, o sol, um homem, uma mulher, uma criança, um guerreiro, uma tempestade, o sangue, Deus, o diabo (Greimas, 1989).

Considere-se, por exemplo, a figura da luz. Tanto nas narrativas evangélicas quanto naquelas *New Age*, a luz significa liberdade e realização espiritual, a conquista de uma terra prometida de paz e amor. QAnon tomou para si esse semantismo religioso do termo, utilizando-o para conferir ao seu discurso político-conspiratório uma aura de espiritualidade. Em suas postagens no 4chan e 8chan, “Q” fala abertamente sobre uma Nova Era de iluminação espiritual e política, usando expressões curtas e impactantes, semelhantes às aquelas utilizadas por líderes de seitas como Scientology (Montell 2021): “da escuridão para a luz”; “a luz vencerá a escuridão”, “a luz derrotará a escuridão”. Por outro lado, os influenciadores de bem-estar e saúde alternativa que abraçaram o QAnon e outras narrativas



conspiratórias deixaram, durante a pandemia de COVID-19, de usar o termo “luz” para se referir apenas ao despertar espiritual, conferindo-lhe um tom marcadamente político. É o caso, mais uma vez, de Christiane Northrup, que se definiu, como vimos, um “General do Exército da Luz”, guia dos “Guerreiros da Luz Radical” que lutam contra “as forças sombrias que estão trabalhando para nos manter em baixa vibração”.

Ao migrar para o campo do bem-estar, o papel temático do guerreiro carrega consigo outras figuras do imaginário histórico-cultural ocidental, especialmente aquelas ligadas ao discurso da guerra: a armadura, o capacete, o escudo e a espada. Essas figuras podem permanecer implícitas ou serem, conforme a necessidade do momento, explicitamente manifestadas. A imagem abaixo, postada por David Avocado Wolfe em 14 de novembro em seu perfil no Instagram, exibe sem ambiguidade a figura do guerreiro, evocando uma rede de referências e alusões não apenas relativas à semiosfera religiosa – as cruzadas cristãs em particular – mas também ao universo dos jogos de “realidade alternativa”, RPG e LARP em particular, e dos videogames, que também é crucial em QAnon (Cosentino, 2020). No centro superior da imagem, a frase “O amor vencerá” se destaca sob um fundo preto e prateado. Estamos aqui diante de um exemplo que mostra de maneira nítida como a intrusão do QAnon mudou o discurso do bem-estar. O tema do amor, que os influenciadores da *wellness* costumavam relacionar a figuras como o sol, a luz, as fontes divinas de energia, o planeta Terra, as flores e outros elementos da “Mãe Natureza”, aparece agora ligado ao imaginário da guerra. O mesmo pode ser dito sobre o arranjo plástico-estético da foto, dominado por tons escuros, que não são usualmente empregados pelos influenciadores da esfera do bem-estar em seus perfis nas redes sociais (Figura 1).

Figura 1 - A guerreira feminina de David Avocado Wolfe



Fonte: Perfil de Instagram de David Avocado Wolfe, 2020

No discurso de Northrup, “amor” também está inserido em uma teia de figuras que misturam imagens próprias dos campos da Nova Era e do bem-estar, bem como outras utilizadas por QAnon e outras teorias conspiratórias contemporâneas, como no seguinte exemplo: “O Grande Despertar



17 de setembro de 2020. Dizendo NÃO, obrigado à mídia *mainstream*, o que o amor realmente é, nossa vibração agora está muito mais alta por Lorie Ladd, alquimizando a preocupação” (perfil do Facebook de Christiane Northrup, 17 de setembro de 2020).

Mais uma vez, trata-se de um processo de encadeamento e correlações semióticas que remodela a esfera discursiva da Nova Era-bem-estar, assim como a das teorias da conspiração. Fundindo-se entre si, os discursos conspiratórios, do espiritualismo e do bem-estar geram um novo emaranhado de figuras, cujo significado depende das correlações preexistentes específicas de cada semiosfera, agora renovadas em um novo quadro narrativo.

9 Formantes plásticos

A imagem da guerreira feminina postada por David Avocado Wolfe no Instagram revela outro mecanismo subjacente à tradução entre teorias da conspiração, espiritualidade e discurso do bem-estar, que diz respeito à forma como o conteúdo do QAnon tem sido mobilizado nas redes sociais. Marc André Argentino (2021) mostrou como os adeptos de QAnon começou a adotar, em 2021 – após seus perfis serem banidos do Twitter e do Facebook –, tons cromáticos e outros traços plásticos típicos do discurso do bem-estar. Argentino (2021) chama essa mistura semiótica de “Pastel QAnon”:

O termo Pastel QAnon refere-se à comunidade de influenciadoras femininas inicialmente encontradas no Instagram, mas agora presentes em várias plataformas (MeWe, Telegram, Parler, Gab, etc.). Muitas começaram como blogueiras de estilo de vida, instrutoras de fitness, influenciadoras de dietas, espiritualistas esotéricas ou promotoras de curas alternativas. O “Pastel” refere-se à estética e branding únicos que essas influenciadoras imprimem às suas páginas e, por sua vez, ao QAnon, usando modelos de mídias como o Canva. Esteticamente, o Canva é uma opção popular para influenciadores do Instagram desenvolverem uma marca própria. O Canva foi usado, em última análise, para suavizar as mensagens do QAnon que eram compartilhadas nessas páginas [...]. A estética criada por essas influenciadoras suavizam a propaganda do QAnon fundamentada na cultura e as imagens de (fóruns de internet como) 8kun. A estética Pastel é o oposto polar do conteúdo “cru” do QAnon que seria encontrado no 8kun. Ao suavizar a propaganda do QAnon, a comunidade Pastel QAnon cria novos recrutamentos e pipelines de radicalização em ecossistemas dominados por mulheres (Argentino, 2021).

Ao contrário da imagem publicado por Wolf, na qual conteúdos “suaves” relacionados ao bem-estar da Nova Era, como o “amor”, são associados a tons escuros, neste caso observa-se uma narrativa conspiratória “dura” vinculada a cores vibrantes. Conforme adverte Argentino, trata-se de um artifício que busca camuflar a mensagem do QAnon, conferindo-lhe uma aparência mais amena. Contudo, essa estratégia também evidencia o mecanismo de tradução entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar: um processo que conecta os conteúdos de uma semiosfera às expressões da outra, estabelecendo uma relação de reciprocidade e interdependência (Figura 2).



Figura 2 - Um exemplo de Pastel QAnon



Fonte: Marc André Argentino, @_MMArgentino.

10 Paixões coletivas

Por fim, a convergência entre os discursos do bem-estar, da espiritualidade e as teorias de conspiração também depende da tradução de paixões coletivas específicas. Ora, as teorias da conspiração de extrema direita são profundamente impregnadas de emoções negativas. Estudos indicam que seus adeptos tendem a expressar mais raiva e ódio em comparação com aqueles que não acreditam nessas narrativas (Douglas e Sutton, 2020). No entanto, quando os enredos, temas e figuras narrativas da conspiração são transpostos para o universo da espiritualidade da Nova Era e do bem-estar, observa-se uma transformação significativa na carga afetiva que elas carregam. A raiva e o ódio são atenuados ou ocultados. Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a estética *Pastel QAnon sobre a qual discutimos anteriormente*. Nesse contexto, as mensagens conspiratórias, tradicionalmente associadas a uma retórica de hostilidade, tornam-se mais positivas. Elas adquirem uma aura de empatia social, amor e pacifismo. Assim, a luta contra o *deep state* e o culto satânico deixa de ser apresentada como “uma guerra” ou “uma tempestade”, assumindo a forma de um protesto alegre e pacífico, uma manifestação de pessoas não violentas preocupadas com o bem-estar (físico e moral) do mundo.

Esse processo semiótico permitiu ao QAnon incorporar integrantes da comunidade da *wellness* e da espiritualidade *New age*, indivíduos que anteriormente não travavam relações com



teorias conspiratórias de extrema direita. A adoção de sentimentos espirituais positivos em sua narrativa facilitou a aceitação dessas teorias por parte desse público (Argentino, 2021; Baker, 2022). Por outro lado, essa tradução das paixões coletivas também transformou o universo da Nova Era, que passou a exibir tons mais intensos e até mesmo hostis. Um exemplo significativo é o uso do termo “guerreira” por Christiane Northrup, que ilustra como o discurso do bem-estar adquiriu conotações mais agressivas. Embora Northrup mantenha um tom calmo e pacífico em suas interações com seguidores no Facebook, inclusive ao tratar de questões relacionadas ao bem-estar, o léxico bélico emerge em seu discurso de maneira sutil, sobretudo ao alertar contra o medo e a raiva, os quais, segundo ela, “alimentam a escuridão” e os “répteis”. Northrup frequentemente orienta seus seguidores a evitarem esses sentimentos, afirmando: “Aqui está a nossa agenda: não alimentar os répteis [...]. Como você os alimenta? Medo. Raiva. Eles não ficam por perto de pessoas de alta vibração” (Kastenbaum, 2022). Contudo, a raiva encontra expressão em outros recursos semióticos, como o vocabulário de guerra e as referências simbólicas do QAnon previamente mencionadas.

Dessa forma, emerge uma questão central: não seria isso um paradoxo discursivo? Como uma semiosfera cultural, cuja identidade está fundamentada na promoção do amor, da paz interior e do equilíbrio emocional, pode assimilar as mesmas emoções negativas que movem os adeptos das teorias da conspiração? Como sentimentos tão opostos podem coexistir no mesmo espaço discursivo?

Essa situação remete ao conceito de “tradução do intraduzível”, proposto por Lotman (2009), que descreve a interação entre elementos de semiosferas distintas, gerando novos significados e formas imprevisíveis. A tradução da raiva no universo do bem-estar exemplifica esse mecanismo. Um exemplo marcante é a figura da “guerreira feminina” postada por David Avocado Wolfe no Instagram. A imagem destaca elementos que simbolizam amor e paz, mas também sugere, de forma implícita, uma postura combativa. A figura de uma mulher empunhando uma espada, combinada com tons escuros, transmite a ideia de que a comunidade de bem-estar está em guerra, enfurecida e pronta para lutar contra as elites globais.

Assim, as paixões coletivas funcionam como uma engrenagem fundamental na maquinaria semiótica que sustenta a interconexão entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar. Assim como os demais recursos semióticos analisados, elas promovem a articulação entre essas três semiosferas, alterando profundamente sua natureza. Ao mesmo tempo, ao transitar de uma semiosfera para outra, essas paixões também sofrem transformações, tornando-se parte de um novo quadro de relações e significados.

[...]



11 Conclusões

Durante a pandemia de Covid-19, influenciadores ligados à esfera da saúde alternativa promoveram a disseminação de *fake News*, peças desinformativas nas redes sociais. Gurus do bem-estar da Nova Era, como Christiane Northrup, desempenharam um papel crucial na propagação de notícias falsas sobre vacinas contra a Covid-19, teorias da conspiração relacionadas ao QAnon e outras narrativas equivocadas. Conforme demonstrado pela literatura analisada neste artigo, o sucesso desses influenciadores reside na fusão de narrativas conspiratórias, conceitos da Nova Era e ideais de bem-estar.

Este estudo teve como objetivo explorar os mecanismos semióticos que sustentam essa combinação e, simultaneamente, evidenciar como uma abordagem teórico-metodológica que integra as semióticas de Lotman e Greimas pode contribuir para uma análise crítica da sociedade contemporânea. A análise revela que a convergência entre QAnon e o bem-estar da Nova Era se apoia na tradução de tramas narrativas específicas, temas e papéis temáticos, figuras simbólicas, características visuais e paixões coletivas. Esses elementos são adaptados e reconfigurados ao transitar entre diferentes esferas discursivas.

Ao revestir o discurso conspiratório da opressão popular pelos “poderes ocultos” com uma aura espiritual e conectar temas, figuras e outros recursos semióticos do QAnon aos do universo do bem-estar da Nova Era, esses influenciadores conseguiram suavizar o tom agressivo das narrativas conspiratórias. Isso facilitou a infiltração dessas ideias em ambientes onde antes eram menos comuns, ampliando seu alcance e influência.



Referências

- ARGENTINO, M. A. Pastel QAnon. *Global Network on Extremism and Technology*, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://gnet-research.org/2021/03/17/pastel-qanon/>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- ASPREM, E.; DYRENDAL, A. Conspirituality reconsidered: How surprising and how new is the confluence of spirituality and conspiracy theory? *Journal of Contemporary Religion*, v. 30, n. 3, p. 367–382, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13537903.2015.1081339>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BAILEY, S. P. “I am The Chosen One”: Trump again plays on messianic claims as he embraces “King of Israel” title. *The Washington Post*, 21 ago. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/religion/2019/08/21/i-am-chosen-one-trump-again-plays-messianic-claims-he-embraces-king-israel-title/>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BAKER, S. A. Alt. health influencers: How wellness culture and web culture have been weaponised to promote conspiracy theories and far-right extremism during the Covid-19 pandemic. *Journal of Cultural Studies*, v. 25, n. 1, p. 3–24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13675494211062623>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BAKER, S.; ROJEK, C. *Lifestyle Gurus: Constructing Authority and Influence*. Cambridge: Polity Press, 2020.
- BRENNEN, S.; SIMON, F.; HOWARD, P. N.; NIELSEN, R. K. *Types, sources, and claims of COVID-19 misinformation*. Oxford: Reuters Institute Factsheet, 2020. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/types-sources-and-claims-covid19-misinformation>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BUTTER, M. *The Nature of Conspiracy Theories*. Cambridge: Polity Press, 2020.
- BUTTER, M.; KNIGHT, P. (ed.). *Routledge Handbook of Conspiracy Theory*. Abingdon: Routledge, 2020.
- CLIFFORD, J. Indigenous Articulations. *The Contemporary Pacific*, v. 13, n. 2, p. 468-490, 2001.
- COSENTINO, G. *Social Media and the New Post-Truth World Order: The Global Dynamics of Misinformation*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020.
- DEMURU, P. *Essere in Gioco*. Calcio e Cultura tra Brasile e Italia. Bologna: Bononia University Press, 2014.
- DEMURU, P. Conspiracy theories, messianic populism and everyday social media use in contemporary Brazil: A glocal semiotic perspective. *Glocalism*, v. 3, n. 3, p. 1–42, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12893/gjcp.2020.3.12>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- DOUGLAS, K. M.; SUTTON, R. M. Motivations, emotions and belief in conspiracy theories. In: BUTTER, M.; KNIGHT, P. (ed.). *Routledge Handbook of Conspiracy Theory*. Abingdon: Routledge, 2020. p. 181–191.
- EVANS, J. A closer look at the ‘QAnon Shaman’ leading the mob. *Medium*, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://gen.medium.com/the-q-shaman-conspirituality-goes-rioting-on-capitol-hill-24bac5fc50e6>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- GHERLONE, L. *Dopo la semiosfera*. Con saggi inediti di Jurij M. Lotman. Milano: Mimesis, 2014.
- GREIMAS, A. J. Figurative Semiotics and the Semiotics of the Plastic Arts. *New Literary History*, v. 20, n. 3, p. 627–649, 1989.



GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Semiotics and Language: An Analytical Dictionary*. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

HANEGRAAFF, W. J. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. Leiden: Brill, 1996.

HILLS, D. Back to A White Future: White Religious Loss. Donald Trump and the Problem of Belonging. *Black Theology*, v. 16, n. 1, p. 30-52, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14769948.2018.1411750>. Acesso em: 20 dez. 2024.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: FANG, A. et al. (ed.). *On Translation*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959. p. 232–239.

KASTENBAUM, S. Christian Northrup, once a New Age health guru, now spreads Covid disinformation. *The Washington Post*, 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/religion/2022/05/03/covid-christiane-northrup/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LA FRANCE, A. The Prophecies of Q. American Conspiracy Theories Are Entering a Dangerous New Phase. *The Atlantic*, jun. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2020/06/qanon-nothing-can-stop-what-is-coming/610567/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LANDOWSKI, E. *Les Interactions Risquées*. Limoges: Pulim, 2005.

LEONARD, B. QAnon shaman granted organic food in jail after report of deteriorating health. *Politico*, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2021/02/03/qanon-shaman-organic-food-465563>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LORUSSO, A. M. *Cultural Semiotics: For a Cultural Perspective in Semiotics*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

LOTMAN, J. M. Culture as collective intellect and the problems of artificial intelligence. In: O'TOOLE, L. M.; SHUKMAN, A. (ed.). *Dramatic Structure: Poetic and Cognitive Semantics*. Oxford: Holdan Books, 1977. p. 84–96.

LOTMAN, J. M. La dinamica dei sistemi culturali [Dinamika kul'turnykh sistem]. In: LOTMAN, J. M. (ed.). *La semiosfera: l'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Venice: Marsilio Editori, 1985. p. 131–145.

LOTMAN, J. M. *The Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOTMAN, J. M. *Kul'tura i vzryv*. Moskva: Gnosis, 1993. Trad. ingl. *Culture and Explosion*. Berlin: Mouton de Gruyter.

LOTMAN, J. M. *Struktura Judozhestvennogo Teksta*. Moskva, 1976. Trad. ingl. *Analysis of the Poetic Text*. Ann Arbor: Ardis.

LOTMAN, J.; USPENSKIJ, B. A.; MIHAYCHUK, G. On the semiotic mechanism of culture. *New Literary History*, v. 9, n. 2, p. 211-232, 1978. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/468571>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MADISSON, M. L.; VENSTEL, A. *Strategic Conspiracy Narratives: A Semiotic Approach*. Abingdon: Routledge, 2020.

MENCIMER, S. Steve Bannon: Wellness Warrior? *Mother Jones*, 20 mar. 2021. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2021/03/steve-bannon-wellness-warrior/>. Acesso em: 20 dez. 2024.



METZER, M. Qanon unexpected root in new age spirituality. *The Washington Post*, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/magazine/2021/03/29/qanon-new-age-spirituality/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MONTELL, A. *Cultish: The Language of Fanaticism*. New York: Harper Wave, 2021.

PARMIGIANI, G. Magic and Politics: Conspiratoriness and COVID-19. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 89, n. 2, p. 506-529, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jaarel/lfab053>. Acesso em: 20 dez. 2024.

REMSKI, M. Hello Yoganon! Nazi. Loved. Yoga. 2021. Disponível em: <https://matthewremski.medium.com/hello-yoganon-nazis-loved-yoga-f8f4bc50147e>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ROBERTSON, G.; AMARASINGAM, A. How conspiracy theorists argue: Epistemic capital in the QAnon social media sphere. *Popular Communication*, v. 20, n. 3, p. 193–207, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15405702.2022.2050238>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ROTHSCHILD, M. *The Storm Is Upon Us*. London: Octopus Publishing Group, 2021.

SEDDA, F. *Imperfette traduzioni*. Per una semiopolitica della cultura. Roma: Nuova Cultura, 2012.

SEDDA, F. Traduzioni invisibili, concatenamenti, correlazioni e ontologie semiotiche. *Versus*, v. 126, n. 1, p. 125–152, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14649/90539>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TEITELBAUM, B. *War for the Eternity: Inside Bannon's Far Right Circle of Global Power Broker*. New York: Harper Collins, 2020.

WARD, C.; VOAS, D. The Emergence of Conspiratoriness. *Journal of Contemporary Religion*, v. 26, p. 103–121, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13537903.2011.539846>. Acesso em: 20 dez. 2024.

WU MING 1. *Q di complotto*. QAnon e dintorni. Come le fantasie di complotto difendono il sistema. Roma: Alegre, 2021.



Biografia acadêmica

Paolo Demuru - Universidade Presbiteriana Mackenzie
Professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Comunicação em Letras, São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: paolodemuru@gmail.com

Financiamento

Não se aplica

Aprovação em comitê de ética

Não se aplica

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse declarado

Contexto da pesquisa

Não declarado

Direitos autorais

Direitos autorais de Informa UK Limited/Taylor & Francis Group cedidos para o autor, Paolo Demuru, exclusivamente para esta publicação.

Contribuição de autoria (CRediT)

Não se aplica

Licenciamento

Esta é uma tradução autorizada do artigo “QAnons, anti-vaxxers and alternative health influencers: a cultural semiotic perspective on the links between conspiracy theories, spirituality and wellness during the Covid-19 pandemic” de Paolo Demuru, originalmente publicado na *Social Semiotics*, v. 32, n. 5, p. 588-605, <https://doi.org/10.1080/10350330.2022.2170>, © 2022 Informa UK Limited/Taylor & Francis Group. A tradução para o português é disponibilizada em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

**Modalidade de avaliação**

Autor convidado

Editoras responsáveis

Christina Fornaciari
Júlia Guimarães
Júlia Morena Costa
Juliana Coelho
Raquel Castro
Thálita Motta

Histórico de avaliação

Data de submissão: 05 jun. 2025
Data de aprovação: 20 ago. 2025